

Resiliência e Interdisciplinaridade em um momento de pandemia

A. M. R. S. Varella^{1*}, F. A. Sardinha² e J. P. da Silva³

¹*Gentileza: Centro de Estudos e Pesquisas, Universidade Paulista – UNIP*

²*IN M TRA: Interdisciplinaridade: movimento e transformação? Núcleo de Estudos e Pesquisas, Universidade Paulista - UNIP.*

³*Universidade Paulista - UNIP.*

*E-mail do autor correspondente: ana.varella@unip.br

Submetido 28 de agosto de 2020 / Aceito 29 de novembro de 2020 / Disponível online 08 de março de 2021

DOI: doi.org/10.5281/zenodo.4588949

RESUMO

Em março de 2020, surgiu um vírus que ocasionou muitas modificações na sociedade. A regra para a maioria das pessoas foi “ficar em casa” para evitar contaminação. O “home office” passou a ser o antídoto contra o COVID 19, que atingiu o mundo inteiro. Na área da Educação, escolas suspenderam suas atividades e toda programação para o ano foi deixada de lado. Professores, alunos e Instituições de Ensino tiveram de se reinventar em poucos dias. Este texto apresenta o resultado de diálogos realizados com professores da Educação infantil e do Ensino fundamental, no mês de julho, nas férias escolares, em um momento de pandemia, vivenciados desde março. Os pesquisadores acionaram sensivelmente uma escuta para ouvir 48 professores do sul do país, em uma disciplina de resolução de problemas, em um curso de Pós-graduação, para que eles pudessem se expressar livremente. Os professores sentindo-se acolhidos, fizeram levantamentos dos pontos favoráveis e desfavoráveis em sua profissão de professores e do aprendizado de seus alunos. Apresentaram seus questionamentos e de que maneira colocaram em prática sua resiliência. Essa reflexão foi muito importante para perceber a importância da Interdisciplinaridade nesse processo, porque tiveram de deixar de lado o conteúdo de suas disciplinas para entender e inovar em todo aprendizado de seus alunos.

Palavras-chave: *Resiliência, Interdisciplinaridade, Pandemia.*

1. Introdução

Estamos no ano de 2020, inesquecível, porém Varella e Fazenda [1] já afirmavam em sua obra de 2016, “Sementes de Gentilezas” que estavam vivendo momentos de solidão, de coração trancado, de mentes atropeladas por inúmeras notícias que gostariam de não ouvir. O que está acontecendo novamente com o homem? Estamos mais sofisticados em tecnologia, em comunicação geral, mas onde está ficando a importância plena do ser? Do saber ser? Do saber idealizar? Abraços, delicadezas, sensibilidade, gentilezas, em que planos estão? Estamos juntos e separados, que solidão conjunta? Cada um pensa em si, como se sair bem? Como ultrapassar ideias, mesmo revendo as mais antigas? Como perseverar? Exigir de nós mesmos a interação com nosso divino, nossa dimensão mais sublime, sem parecer em nossos discursos apenas processos de autoajuda?

O tempo passou e continuamos vendo o Brasil vivenciar a maior crise de empregos dos últimos 30 anos. A crise financeira instalou-se em nosso país, a crise moral, a crise internacional, a crise do desespero de mortes, agora pelo COVID19. No mundo não é diferente, as crises de todas as ordens já mataram milhares de pessoas. O que sobrar para o mundo, se crianças estão morrendo, sem a menor chance de defesa? O homem precisa exercitar movimentos transformadores do pensar, do agir, do sentir. Que tempos! Pessoas disputam lugar para dormir não mais debaixo de pontes apenas, mas em calçadas, cantos, ruas, valas. Algo dentro de nós já apodreceu, que tristeza. Onde ficou o olhar para o outro? O recado da vida é a sublime sabedoria de retirar até mesmo da inconveniência o aprendizado para ressignificar-se. Segundo as autoras [1], podemos pensar e fazer diferente, podemos resgatar e incentivar a humanidade que há dentro de nós. Com pequenas ações, poderemos

tocar corações, ajudar na modificação de comportamentos. Trabalho incansável de quem se diz educador. Nenhuma ação se realiza, se não houver integração, compartilhamento, humildade, vontade, união, fraternidade, generosidade, parceria, comprometimento, responsabilidade, vontade, gentilezas. Para Varella [2] é preciso prestar atenção ao não dito das pessoas. É uma habilidade que deve ser construída, refinada, captada. Tudo depende de um movimento e o tempo aos poucos nos preenche com esclarecimentos e nos torna mais acessíveis para respeitar o caminhar do outro. Assim se desenvolve a escuta sensível, que não é um processo rápido, requer estudo, paciência, aprendizado, desprendimento, é o prestar atenção nas pessoas, deixá-las se expressar livremente.

A Interdisciplinaridade é uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de melhor compreensão da realidade que ela nos faz conhecer [3]. Impõe-se tanto à formação do homem, quanto às necessidades de ação.

1.1. A Pandemia do COVID 19

As transformações chegam, independentemente de nossas vontades. Estamos vivenciando esse movimento na atualidade. Uma pandemia que veio sem avisar e que pegou a todos desprevenidos.

O sentido do desafio na busca da resiliência, como discute Varella [4], vêm de encontro aos desafios atuais. As famílias de maior poder aquisitivo isolaram seus idosos, que devido à letalidade do vírus poderiam ser as primeiras vítimas de contaminação. Foram afastados das crianças, dos mais jovens e de tudo que fazia parte de sua rotina de ação e de movimentos. No entanto, as famílias de menor poder aquisitivo, morando em pequenos cubículos, ficaram entregues à sorte de não se deixar contaminar por aqueles que tinham de seguir a vida trabalhando. E na educação a confusão se instalou: de aulas presenciais a aulas virtuais em curto período, sem direito à adaptação. Como educar crianças e adolescentes *on-line*, se nem mesmo possuem computadores ou celulares capazes de ajudá-los a acessar redes escolares? Para esse público houve entrega de material pedagógico físico. Na área da Educação ficou clara a falta de preparo das Instituições, da Prefeitura e do governo, que deixaram passar vários meses para acionar canais de continuidade escolar. Algumas instituições anteciparam as férias e de nada adiantou, porque tiveram de se adequar ao virtual, mesmo sem muitas condições. As diferenças entre as escolas públicas e privadas se acentuaram. Os gestores não se deram conta disso. Por outro lado, os professores sofreram muito, não haviam se preparado para o exercício diário da tecnologia e não havia tempo hábil para essa

adaptação. Tiveram de entrar nas aulas abertas, ao vivo e assumir seu lugar de protagonista. Do lado das famílias, que mantinham seus filhos em escolas privadas, tiveram de incluir, além da sua atividade desenvolvida em casa em “home office”, ajudar as crianças a ouvirem e participarem das aulas virtuais. Muitos pais literalmente se desesperaram com mais essa tarefa diária. Insatisfeitos com o que a vida estava mostrando em todos os sentidos, ainda tiveram de ficar frente a mais problemas de seus filhos. Tiveram de esperar, de aceitar o que estava sendo preparado amadoramente pelos professores. A princípio, consideraram as aulas pouco produtivas, embora entendam que no decorrer do processo os alunos passaram também a se adaptar à nova realidade, aproveitar esses encontros para um pequeno desenvolvimento. Perceberam que nessa adaptação do presencial para o virtual seriam necessários procedimentos diferenciados. Não é possível querer continuar com um conteúdo que foi preparado para ser presencial que seja aplicado igualmente no processo virtual.

O que parecia ser uma situação momentânea, tornou-se um tormento. As escolas foram as últimas a poder funcionar e de modo muito precário. Algumas delas reabriram em outubro, mas com restrições, com exigências de protocolos impostos pelos governos de Estado.

Nesta análise, o que se percebeu pontualmente? Ficou nítida a falta de repertório de muitos profissionais. Veio à tona a pobreza da formação de profissionais na área pedagógica. Trabalho em excesso, horas para preparar exercícios, que chamassem a atenção dos alunos, principalmente da área infantil.

Enfim foi um teste muito desesperador para a Educação. Muitos professores não conseguiram seguir, muitos até também por falta de computadores adequados ou mesmo celulares que comportassem toda essa tecnologia. Foi testada a resiliência da família, que se esbarrou com o enfrentamento diário da convivência, que por falta de tempo não acontecia há muito. Casais se reencontraram e reviram suas diferenças. Pais enfrentaram suas crianças sem limites, cheios de vontades e mimos. Na família foi o encontro obrigatório com a realidade desenvolvida e pouco exercitada. Famílias menos privilegiadas tiveram de deixar suas crianças para sair de casa arriscando-se ao vírus, para trabalhar. Uma realidade inesperada! Uma única certeza: Todos estavam à prova de sua resiliência, de sua força, de encarar novas realidades. Frente aos fatos aqui apresentados, o objetivo deste artigo foi captar em uma escuta com sensibilidade as ações e movimentos “escondidos” nas palavras de alguns Educadores do Sul do país.

2. Metodologia

2.1. Movimento de Professores: oportunidade de diálogo e formação em meio à pandemia.

Em meio ao caos da pandemia do COVID 19, a pesquisadora Ana Maria Varella recebeu um convite para ministrar um curso na plataforma virtual para professores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Convidou seus parceiros, também pesquisadores, para acompanhá-la. Foi um convite renovador, porque cada detalhe foi pensado cuidadosamente. Teria de ser aplicado um método que pudesse deixá-los livres para terem voz, afinal seriam dez horas juntos, com a oportunidade única de poder trocar muito com esses professores. Resiliência e Interdisciplinaridade foi o tema escolhido para iniciar as reflexões.

O primeiro movimento instaurado na aula virtual, foi dar aos professores participantes a oportunidade de exercício da fala livre. Eles se surpreenderam e puderam desabafar suas realidades, suas angústias, suas crises, o momento do tempo cronológico e kairológico.

Ouvir as pessoas sem criticá-las, estabelece uma sintonia de confiança e liberdade. Os professores alunos perceberam que os Professores aplicadores do método abriam canais para ajudá-los a se rever, a enfrentar com mais tranquilidade e sabedoria as crises, as situações difíceis já instauradas.

A Interdisciplinaridade se apresentou com gentileza, nessa sensibilidade de escutar, respeitar o momento do outro, suas dificuldades. Expressaram-se livremente e se posicionaram. Foram apresentando os momentos vivenciados e foram surgindo pontos favoráveis e desfavoráveis vivenciados por eles, pelos alunos, pela família e para a aprendizagem.

Quarenta e oito professores (n = 48) participaram e responderam algumas perguntas. Foram utilizados para este estudo apenas pontos favoráveis e desfavoráveis vivenciados por eles durante os encontros abertos que tiveram com seus alunos.

3. Resultados e discussão

3.1. A interdisciplinaridade no contexto da Escuta com Sensibilidade

Cabe reforçar o que tem sido considerado *quanto ao rigor e profundidade do trabalho Interdisciplinar* no que se refere a uma diretriz metodológica para sua execução. Esbarramos (e isso é recorrente) na problemática de que ao buscar esta diretriz na estrutura de qualquer ciência haveria a negação da própria Interdisciplinaridade. Esse fato explica porque Fazenda [5] se alicerça na Antropologia Filosófica dando-lhe o caráter de totalidade de que necessita. O filósofo é livre em seu pensar, é reflexivo e essas atitudes podem levá-lo às demais diretrizes antropológicas cultural, existencial, completando esse aporte [3].

É importante compreender que a Interdisciplinaridade não é uma prática vazia e nem um jogo linguístico. A pesquisadora da área, prof^a Ivani Fazenda, alerta ser necessário cuidar de cada fragmento do discurso, da linguagem real que o cotidiano apresenta e da outra linguagem escondida nas falas dos educadores calados. A palavra somente terá sentido na ação. A real Interdisciplinaridade somente se manifestará no verdadeiro diálogo, no autêntico encontro.

Relatando aqui não apenas os números encontrados, mas também o sentido de acolher e de ser acolhido. Como mensurar isso? A observação nos mostrou que os professores estavam emocionados em seus depoimentos, alguns cansados, outros estressados, fizeram diferentes movimentos. Ao mesmo tempo puderam narrar o quanto nesses meses puderam criar, inovar, movimentar e transformar os ambientes virtuais em momentos agradáveis e produtivos.

A figura 1 apresenta as principais informações coletadas dos participantes do curso.

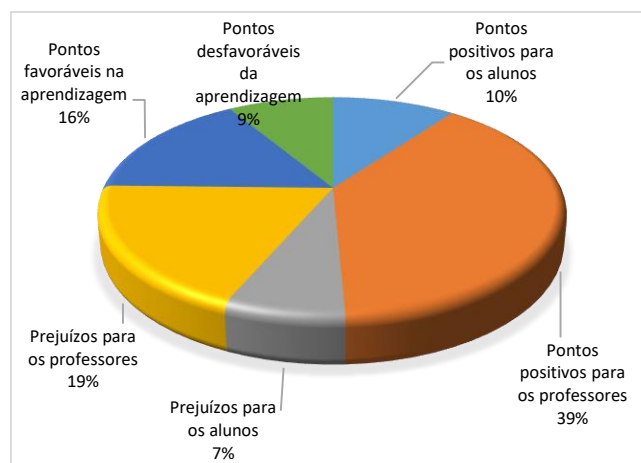


Figura 1. Posicionamentos de professores que participaram do Curso de Especialização *Latu Sensu* em Educação Inovadora: fundamentos, metodologia e tendências. Disciplina: Resolução de problemas – Instituto Ivoti/SC; julho 2020. n = 48.

Os dados coletados nos mostram que na visão desses professores há mais pontos positivos para eles do que para os alunos, ainda que relatem baixo percentual de pontos desfavoráveis para a aprendizagem e menor prejuízo para os alunos. Importante reforçar que a visão é unilateral, uma vez que alunos e familiares não foram ouvidos neste contexto.

No entanto, refletimos que a voz desses professores poderá levar outros professores a se identificar, a acrescentar, a refletir e colaborar com crianças e adolescentes, pais, famílias inteiras que desejam a educação verdadeira para este país.

Neste sentido, educando e educador são sujeitos de uma mesma situação e a eles caberá, em conjunto, a decifração do mundo [3].

Ao tratarmos da Interdisciplinaridade há uma relação de reciprocidade, de interação que pode ajudar no diálogo entre diferentes conteúdos, desde que haja uma intersubjetividade presente nos sujeitos [3]. Para Fazenda, integrar conhecimentos significa apreender, disseminar e os transformar.

Na década de 70 salientou que a Interdisciplinaridade surgiu como uma nova pedagogia capaz de identificar o vivido e o estudado, capaz de construir conhecimento a partir da relação de múltiplas e variadas experiências [3].

3.2. Qual o grande desafio do professor a partir de agora? O papel da Interdisciplinaridade.

Incertezas, medos, etapas iniciais assustadoras, superação, aceitação, conteúdo diferenciado, novo currículo a ser pensado pode traduzir o sentimento de total insegurança. Cronogramas e planos de ensinamentos engessados tiveram de ser modificados. Mesmo o professor mais resistente a mudanças teve de mudar. Teve de entender pela força da circunstância o que é uma adaptação ao novo. Ele foi convocado a ser interdisciplinar, a construir projetos interdisciplinares, o que antes era apenas um convite, teve de fazer parte do seu dia a dia. Hoje não há como a incompetência ficar escondida na sala dos professores ou mesmo nas salas de aula, principalmente porque não há sala de professores. Não há mais lugar para os acomodados, para aqueles que se escondiam atrás dos projetos dos outros professores. Não há lugar para críticas infundadas. Todos estão expostos, repertório, a falta dele, a comunicação com clareza ou a falta dela. Nunca o professor foi tão analisado, sua linguagem, seu posicionamento, seus erros e acertos. Tudo está escancarado. As aulas abertas são apresentadas no aqui e agora. As famílias literalmente entraram com seus filhos não apenas dentro do espaço escola, mas penetraram na sala de aula, o lugar anteriormente sagrado, local de privacidade, de trocas entre professor e aluno.

A Interdisciplinaridade precisa ser transgressora, ela é além da vida, além de tudo, tem de transcender e anunciar possibilidades. Ela é nova atitude frente à questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão.

Gestores e professores se perguntam como fazer, como implantá-la. Porém poderiam perguntar como praticá-la, que modificações poderiam ser realizadas para que os estudantes pudessem realmente aproveitar o tempo na escola para desenvolver repertórios e criatividade? [1,6].

E agora, em meio à pandemia, com aulas virtuais, quanto poderia ser retirado dos estudantes, modificando a ordem do aprendizado? De que adianta continuar, inserir conteúdos e desperdiçar a chance de recolher dessas pessoas todas envolvidas o que sentem, a forma como estão enfrentando toda essa situação.

Existem várias publicações sobre reformas curriculares, no Brasil, que apresentam forte tendência em privilegiar a Interdisciplinaridade [2,7]. Visam à reorganização de modelos conceituais e operacionais, associados a concepções ligadas ao sistema convencional das disciplinas científicas. Existem também outros modelos organizacionais que partem de princípios diversos e procuram romper com essas concepções. Qual seria a melhor das hipóteses? No limiar do século XXI, no contexto da internacionalização, caracterizada por uma intensa troca entre os homens, a Interdisciplinaridade assume um papel de grande importância. A Interdisciplinaridade favorece novas formas de aproximação à realidade social e novas leituras das dimensões sócio culturais das comunidades humanas. Assim se faz o movimento da Interdisciplinaridade, “não basta “importar” um conceito de “moda” Interdisciplinaridade e introduzi-lo como solução aos problemas presentes” como afirma Fazenda [5]. É “necessário questionar o seu significado e perceber benefícios em ações cujo objetivo seria atingir a formação do ser humano”.

Fala-se muito em criar cursos para atender à demanda de um novo tempo. Que tempo é esse? O que esperamos dele? Quem faz parte dele? Mudar significa desejar conscientemente movimentar-se, para conhecer o que já existe e dar vazão a ideias transformadoras e não apenas ficar preso a velhas ideias, sem desejar que o novo também tenha a oportunidade de ser mostrado, explorado [1, 5]. É possível construir um novo perfil de profissional capaz de estar aberto a novos campos de conhecimento a partir da Interdisciplinaridade.

Cabe aqui destacar a importância da parceria que se deve ter com seus teóricos. A parceria não tem limites, pois conduz a novos elementos: “precisamos ser por inteiro para que a parceria se instaure” [4].

Varella e Fazenda [1] afirmam em seus escritos que os Gestores Educacionais têm papel importantíssimo dentro do contexto educacional. Precisam ser ouvidos, saber ouvir, estar bem preparados, ser dinâmicos, solidários, corajosos, competentes.

Fazenda reforça o sentimento de Japiassu [8] “se quisermos exercer alguma influência no rumo empreendido pela Ciência contemporânea”, será preciso que se tenha a consciência da necessidade de uma ação direta no momento em que se tenta dar conta dos conhecimentos científicos e de uma ação indireta, “convertendo-nos em pedagogos capazes de formar

aqueles que mudarão o mundo”. A Interdisciplinaridade preserva a integridade do pensamento e o restabelecimento de uma ordem perdida [1,6]. A primeira condição de efetivação da Interdisciplinaridade é o desenvolvimento da sensibilidade. Será fundamental uma formação que pressuponha “treino na arte de entender e esperar, desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação”. O ideal será um enorme movimento em que sejam acionadas transformações internas nos seres e ao mesmo tempo, e como afirma Japiassu “que seja possível a transformação do mundo do saber” [8].

3.2. Até que ponto esta aula apresentada à família deixou o professor mais inseguro? O papel da Resiliência.

As crianças da Educação Infantil precisam estar com um adulto para acompanhar as aulas abertas, para evitar a dispersão do pensamento. Os jovens, os que já tinham acesso a computadores, lidam com maior habilidade a ferramenta, mas sua atenção é descontinuada. Muitos professores ainda não perceberam de que maneira podem aproveitar com maior eficiência o conteúdo a ser ministrado. Os jovens não precisam apenas do que já encontram nas plataformas. Os professores que conseguem ser interdisciplinares, entendem a riqueza do que podem desenvolver em ambientes virtuais, seja criação, projetos, etc. Por outro lado, há exigências para que o professor faça o melhor para representar a Instituição. Quem vai acolher quem?

O que é aprendizagem para este momento? O que é necessário para ativar, mexer, remexer com os aprendentes? Quem não estiver preparado para renovar-se, está fora do jogo da aprendizagem. Olhar para uma tela de computador e encontrar apenas “um nome” é desesperador para o professor, que sempre valorizou “o olhar” para “o olhar do outro”. A aprendizagem terá de encontrar novos focos de atenção.

Percebemos mais diretamente que somos finitos e que temos mais do que precisamos. Se já estávamos acelerados, tudo piorou. Foi acelerado nosso tempo de aprendizado. As famílias se subdividiram em espaços diferentes para ficar *on-line*. Aumentou o número de invisíveis de nosso país, além dos conhecidos mais alguns milhões apareceram em situação de vulnerabilidade social. Enquanto a medicina esclarece a população a cuidar de si, de sua higiene, pelo menos lavar a mão com água e sabão, fica clara a realidade de famílias em condições precaríssimas, que vivem sem água encanada, sem produtos mínimos de higiene, que se alimentam minimamente. Para esses onde fica a educação? O aprendizado? Uma realidade foi mostrada ao mundo. Escancarou-se a pobreza do Brasil. A

carência, a pobreza a falta de cuidados e oportunidades de melhoria. Volta a questão muito bem colocada pela Interdisciplinaridade, “o sentido”. Qual é nesse momento o sentido de vivermos trancados, problemáticos, ansiosos, deprimidos, angustiados, administrar crises familiares? Há a invisibilidade das famílias que viviam no silêncio e passaram a ter de conversar...descobriram que melhor era permanecer no silêncio. A pandemia apenas abriu espaço para clarear o que há muito estava escondido.

Por outro lado, mostrou a força dos professores, a união de todos teve de ser fortalecida. Não existe mais a figura do coordenador isolado, estar junto de e com, é a condição da atualidade escolar. E se a escola continuou viva os pais também têm a contribuição necessária. Fizeram a educação funcionar do jeito que foi possível. Não há certo ou errado, há diferenças de atuações.

Os pais não necessariamente precisam ser os professores de seus filhos, mas aproveitar os conteúdos ministrados e mostrar na prática o que aprenderam.

É a vivência evidente da Interdisciplinaridade [1-8], que demorou décadas para ser compreendida e colocada na prática. É o momento do discurso e ação em movimento, com coerência, cada um respeitando o conhecimento do outro, a falta de repertório do outro. O momento da resiliência.

Se as escolas poderão colocar todo seu conteúdo em evidência é o que menos importa. Talvez aqueles conteúdos defasados neste momento possam ser melhor percebidos e ignorados. Outros mais pertinentes com a realidade contemporânea podem surgir para levar as crianças, adolescentes, adultos a ler, entender, avaliar, refletir, respeitar, compartilhar, ter mais generosidade, viver com mais gentilezas no falar, no conviver, no viver. De aprender a ser mais humano.

3.3. O que fazer depois de todas essas constatações?

É um dos maiores testes dos últimos tempos para todos os envolvidos na Educação. Além da coordenação pedagógica, além da diretoria, além do dono da escola, além da vida do professor, existem mais aléns. O que pudemos ver destacados nas falas dos professores, principalmente o excesso de trabalho, a preocupação com o conteúdo a ser ministrado. Eles precisam de acolhimentos. A luta maior do momento é além das preocupações profissionais, olhar para si e perceber-se vulnerável ao medo, às incertezas, à finitude. Um vírus desestabilizou a sociedade, mostrou que a diferença social não livra ninguém do perigo. A única certeza é que todos querem continuar vivos e seguir buscando, fazendo, aprendendo.

4. Considerações finais

Atrás das “telas” tem um humano, que pensa, que sofre, que ri, que precisa de atenção. Não haverá nada que afaste os que desejam olhar profundamente o outro.

Considerando os objetivos deste estudo, foi possível considerar que há necessidade de ouvirmos também os Educandos, mas também os pais, personagens na atualidade, extremamente envolvidos neste cenário. Isso para que o diálogo previsto na Interdisciplinaridade aconteça.

Os Educadores mostraram-se abertos à escuta, como uma necessidade de auto avaliação? Não sabemos, mas, o autoconhecimento do profissional, sua vontade de movimentar e transformar com gentilezas será uma luz nesse período de inseguranças. Lembrar que tudo pode ser um acréscimo ao currículo. A aprendizagem existe com e apesar da escola e dos professores. Por esse motivo a união de pais, escola, alunos e professores é fundamental. A resiliência vem fechar este texto porque é ela que nos impulsiona a viver e ter força de superação [8, 9]. É incrível pensar que a escola, um espaço concreto também pode ser resiliente e criar vínculos que faltavam. Caberá a seus dirigentes não desperdiçar essa chance de aceitar a parceria dos pais, dos professores, dos alunos e de todos envolvidos para ultrapassar todas as barreiras que foram apresentadas em um momento profundo de crise. Uma escola mais gentil, com ações mais gentis, com a descoberta de que o mundo precisa de mais projetos sociais que abracem a todos.

Agradecimentos

À gentileza do convite do Instituto Superior de Educação Ivoti, à Coordenadora Raquel Konrath, do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação Inovadora: fundamentos, metodologias e tendências e aos Professores do Colégio Bom Jesus/IELUSC. Todos foram extremamente competentes e colaboraram com nossas pesquisas.

Referências

- [1] A. M. R. S. Varella e I. C. A. Fazenda. Projetos e Práticas interdisciplinares; movimento e transformação? Volume 1: Sementes de gentilezas, São Paulo, 2016, 28p. ISBN 98-85-9254-00-0.
- [2] A. M. R. S. Varella e I. C. A. Fazenda. O momento atual da Interdisciplinaridade: estudos de 2012 a 2014, São Paulo, 2016, 122p. ISBN 978-85-920945-0-8.
- [3] I. C. A. Fazenda. (Org). Interdisciplinaridade na formação de professores: da teoria à prática. Canoas: ULBRA, v.1, 2006, 190p.

- [4] A. M. R., Varella. A resiliência e a interdisciplinaridade. Revista Interdisciplinaridade, São Paulo: PUC; p.38-44, 2010. ISBN 21790094.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/16143>
- [5] I. C. A. FAZENDA, (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. 10.ed. São Paulo: Cortez, 1989. V. 01. 174p. ISBN: 9788524902277.
- [6] A. M. R. S. Varella. A comunicação interdisciplinar na educação, São Paulo: Escuta, 2008, 160p. ISBN 9788571372832.
- [7] I. C. A. Fazenda. Interdisciplinaridade: qual é o sentido? São Paulo: Paulis, 2003, 85p. ISBN 9788580425253.
- [8] I. C. A. Fazenda. Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro. São Paulo: Loyola, 2011. ISBN 9788515005062.
- [9] L. Barlachl, A. C. Limongi-França e S. Malvezzi. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. R. Interam Psicol, v.42, n.1, pp. 101-112, 2008. ISSN -0034-9690.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0034-96902008000100011&script=sci_abstract